

O PAPEL DAS MULHERES NA HISTÓRIA DA ALIMENTAÇÃO: UMA DISCUSSÃO SOBRE O PASSADO DE MULHERES A PARTIR DE SUA MEMÓRIA GUSTATIVA

**Alicia Weber
Bruna Delponte
Filipe Henrique Mariani**

Na segunda metade do século XX, a História passou por uma série de transformações e deslocamentos que dariam novo perfil à área. Tais transformações podem ser explicadas a partir de duas abordagens: de um plano externo, mudanças sociais relacionadas ao direito dos trabalhadores, das mulheres, das populações negras, colonizadas ou de grupos sexualmente dissidentes evidenciaram que as transformações históricas não tinham como sujeito exclusivo o homem branco, heterossexual, cristão, ligado à burguesia. Internamente, a História absorve novos perfis acadêmicos, novas tecnologias para análise documental, amplia o conceito de fonte e entra em contato definitivo com o conceito de cultura, de uma perspectiva antropológica. A mudança era irreversível e geraria frutos impossíveis serem previstos naquele momento.

Foi nesse quadro, com a presença feminina nos cursos de graduação em História aumentando sensivelmente, que teve desenvolvimento o campo da História das Mulheres dedicado, em grande medida, a construir um passado que não escamoteasse um fato inconteste: as mulheres agiram no passado. Esse esforço inicial não cessou de produzir inovações desde então. Em um primeiro momento, o foco principal foi a construção de imagens heroicas para mulheres que desafiaram as condições de submissão que lhes eram impostas. Logo em seguida, autoras começaram a questionar a estabilidade desse perfil e demonstrar que a categoria mulher, assim, no singular, continuava a apagar outras existências: para além da mulher urbana e de classe média, existiam mulheres camponesas, mulheres escravizadas, mulheres militarizadas, mulheres com sexualidades dissidentes. Em outras palavras, era preciso pluralizar a ideia do que significava ser “mulher” em diferentes contextos.

Apesar das muitas conquistas, não se pode perder de vista que houve resistência. Conforme descrito por Joan Scott (1989), tais pesquisadoras buscaram criar teorias que focassem no papel da Mulher dentro da história, porém, “[...] a reação da maioria dos(as) historiadores(as) não feministas foi o reconhecimento da história das mulheres para depois descartá-la ou colocá-la em um domínio separado” (Scott, 1989, p. 5) e devido a à isso a História das mulheres foi recorrentemente tratada como uma história menor ou de menor

destaque, apenas com historiadores(as) feministas se focando em pesquisar e formular teorias sobre gênero.

A ideia de gênero surgiu junto com o movimento feminista americano, com destaque às pesquisadoras e historiadoras feministas pertencentes ao grupo em meados da década de 1950, para ser utilizado principalmente por pesquisadores para tratar de investigações que falassem sobre mulheres tendo em vista a normatização do chamado comportamento feminino. Em primeiro lugar, é importante compreender que gênero não é um objeto de estudos, mas uma categoria analítica. Dessa perspectiva, é possível fazer História das Mulheres, posto que em diferentes contextos espaciais e temporais as sociedades definiram e delimitaram a existência de mulheres. Dito de outra forma, as mulheres podem ser transformadas em objeto de pesquisa. Gênero, por outro lado, como categoria de análise, foi elaborado no campo das teorias das ciências humanas e sociais, como instrumento de pesquisa para avaliar em que medida as concepções de feminino e masculino implicam em diferentes posições de poder.

Por essa via, pode-se fazer um estudo a partir da categoria gênero sem que necessariamente se estudem mulheres ou homens. Um exemplo, para se compreender tal dinâmica é o conceito de imprensa feminina: no início do século XX, jornais e revistas tiveram em seus quadros homens que eram desde proprietários até cronistas, mas ainda assim foram chamadas de imprensa feminina; denominação que se justificava pelo tipo de conteúdo que publicava (ligada ao binômio maternidade/matrimônio) e implicava tais periódicos em posições inferiores quando comparados aos jornais que tratavam de política, economia e relações internacionais, ou, a imprensa masculina.

Note-se, que ao pertencer ao âmbito do feminino, essas publicações ainda que exclusivamente controladas por homens, eram posicionadas na escala de poder como inferiores. A categoria gênero, cumpre, justamente, o papel de pensar teoricamente o masculino e o feminino e utilizá-los com lente para observar as posições de poder de diferentes objetos da História, sejam mulheres de carne e osso ou construções culturais.

A partir dessas discussões, pode-se afirmar que o campo da História da Alimentação permite interseccionar as pesquisas que têm por objeto a atuação feminina nos anos 50, ao mesmo tempo em que articula a categoria gênero. O ponto de partida para a proposta que aqui se apresenta são as investigações feitas acerca do tema da alimentação pelo historiador Michel de Certeau nos dois volumes de seu livro *A Invenção do Cotidiano* — em especial no segundo livro, *A Invenção do Cotidiano: Morar, Cozinhar* —, no qual, juntamente com seus pupilos, Pierre Mayol e Luce Girard, sistematizou diversas reflexões sobre o tema; cabe destacar que, na obra, e também são apresentados entrevistas com mulheres francesas de diversas idades, classes sociais e com pertencimento a diferentes culturas, o objetivo das entrevistas foi uma ideia de como a alimentação e cotidiano eram pensados em diferentes organizações familiares.

Em sua obra, Certeau ao trabalhar a relação entre mulheres e alimentação, afirma: “A seguir, trata-se principalmente do papel das mulheres na preparação da comida no lar. Não que eu acredite numa natureza feminina imanente e estável que destinaria definitivamente as mulheres aos trabalhos domésticos, dando-lhes o monopólio da cozinha e das tarefas de organização do lar.” (1996, p. 211). Com isso, o autor faz-se entender que a relação entre mulheres e cozinha está, de certa forma, enraizada devido a visão da sociedade em torno do papel social da mulher.

Ao se refletir sobre essa discussão no contexto do Brasil, a alimentação está intrinsecamente ligada ao cotidiano e cultura brasileiros. Ao trabalhar com isso, Carvalho aborda que “O hábito alimentar, ao se desenvolver de forma inseparável das relações sociais, torna-se parte da cultura da sociedade, carregando-se de sentidos e simbolismos (2004, p. 20).” De forma complementar, DaMatta (1986, p. 33) afirma que “Comidas e mulheres, assim, exprimem teoricamente a sociedade, tanto quanto a política, a economia, a família, o espaço e o tempo, em suas preocupações e, certamente, em suas contradições.” Então é possível perceber como o tema alimentação pode ser utilizado para compreender dinâmicas sociais, culturais, econômicas e os processos de identificação que afetam diretamente a forma como determinados grupos interagem com temas políticos. Como bem observa DaMatta (1986) a multiplicidade de usos da palavra “comer” e “comida” no cotidiano brasileiro, denotam a importância e a complexidade do tema para os brasileiros. Ainda tratando disso, o autor menciona que para a sociedade do Brasil “O fato é que o comer, a comida e os alimentos formam um código complexo – uma verdadeira boca rica social – que nos permite compreender como é que a sociedade brasileira se funde enquanto tal.” (Damatta, 1986, p. 39).

Assim como em outras dimensões da experiência humana, também a alimentação pode ser avaliada de uma perspectiva “genderificada”. No processo de atribuição de significados que marcam a socialização do ser humano determinados alimentos, práticas culinárias e rituais à mesa foram associados às assimetrias de raça, classe, assim como, de gênero. Como bem observa a historiadora Elizabeth Balandier, a cozinha é um desses ‘lugares’ aos quais a mulher está associada e em que se marcam as diferenças e as descontinuidades e onde ela propicia as ligações (...). É requerida lá onde estão as fronteiras e se dão as passagens; da natureza à cultura, da reprodução à produção, da sociedade ao que lhe é exterior, da igualdade à desigualdade, das coisas aos signos e símbolos.” (Balandier, 1975, p. 76)

Embora seja um processo histórico, construído em diversas temporalidades e reforçado, especialmente, a partir do século XIX, com a ascensão do modelo de família burguesa, no quadro de expansão capitalista, atualmente, diferentes grupos sociais tomam como natural a associação entre mulher, feminilidade e ambiente doméstico, no geral, e cozinha em específico. Nesse aspecto, argumenta-se há, intrinsecamente, uma divisão de tarefas entre os sexos dentro de casa, a mulher ainda vista como algo frágil e bela, que é associada ao ato de cozinhar, portadora das boas lembranças a partir do paladar e olfato de um passado idílico e materno.

Pensando em todos esses aspectos, articulando as discussões de gênero àquelas próprias da História da Alimentação, o grupo PET (Programa de Educação Tutorial) de História realizou entrevistas a partir da pauta de História da Alimentação com a UNATI (Universidade Aberta à Terceira Idade). A UNATI se trata de um programa de extensão que em seu próprio site afirma ter como objetivo:

Contribuir para a melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas, proporcionar condições para o resgate da cidadania e de uma participação efetiva na vida social e familiar. Essa boa qualidade de vida pode ser alcançada por meio de atividades físicas e cognitivas, trabalhadas por professores, alunos e estudiosos das mais diversas áreas do conhecimento humano, constituindo-se num laboratório para atividades de ensino, pesquisa e extensão (UNATI)

Analisando o material das entrevistas, percebe-se em diversos momentos a presença feminina atrelada à cozinha. Com isso, é possível até mesmo fazer relações com o que foi descrito por Carvalho (2004) no texto *Do fogão a lenha ao microondas*: uma incursão pela comensalidade de três gerações de famílias paulistanas ao analisar que em sua maioria, as entrevistadas eram mulheres paulistanas e, por poucas vezes, os homens se faziam presentes, situação que se assemelha às entrevistas realizadas com o grupo da UNATI.

Durante as falas das entrevistadas se torna evidente a localização da mulher no contexto da história da alimentação, sendo a protagonista quando o assunto é a cozinha e como esse protagonismo passa de geração em geração até os dias de hoje, com relatos de avós, mães e agora filhas assumindo esse papel. É o que se observa, por exemplo, na fala da Ana Luiza “eu e minha mãe sempre fazíamos rapadura”¹⁹, em que mostra o papel da mãe e da filha na cozinha, aliando com a fala da Maria Regina que ao relatar sobre uma história “[...] uma das filhas aprendeu a fazer tudo que a mãe fazia todas as comidas típicas árabes a filha aprendeu com mãe [...]”²⁰. O mesmo se pode notar com relação à fala de Maria Lioba diz “[...] eu faço alguns bolos que minha mãe fazia que são bem típicos, inclusive eu tenho vários livros de receita de receita alemã ainda herança da minha mãe[...]”²¹.

Ao evidenciar como esse conhecimento é passado de mulheres para outras mulheres no interior de grupos familiares em contexto diversos, ou, dito de outra forma, ao perceber como o crivo geracional não altera substancialmente a trajetória das mulheres, pode-se dizer que a História da Alimentação é uma chave interpretativa importante para ajudar compreender as formações de gênero.

Desde receitas, a presença na cozinha e a tarefa de cozinhar é sempre atrelada à figura feminina. Essa presença feminina transparece de forma enraizada

19 PULGA, Ana Luiza. Entrevista concedida aos pesquisadores. Guarapuava, 19 Jul.2022

20 VARGAS, Maria Regina. Entrevista concedida aos pesquisadores. Guarapuava, 19 Jul.2022.

21 HEERDT, Maria Lioba. Entrevista concedida aos pesquisadores. Guarapuava, 13 Out. 2022.

em todas as falas; mesmo que de forma sutil sempre quando há lembranças sobre o cozinhar em casa vêm à tona a figura da mãe, da avó ou da tia: “[...] hoje todos os produtos que a gente compra são industrializados, mas não tem o mesmo o sabor que os produtos que eram feitos em casa naquela época pela *mãe* da gente, pelas *avós*”²². Mas apesar da mulher ser evidenciada quando o assunto é cozinhar para seus familiares, essa história muda de cenário ao passar para o mundo gastronômico. Os grandes nomes de *Chefs* de restaurantes premiados são em sua maioria representações masculinas, o “protagonismo” da mulher na cozinha familiar dá espaço a dificuldade em crescer na profissão de chef de cozinha, afinal,

A cozinha é machista, infelizmente. Existe um ditado popular, totalmente pejorativo, que diz que lugar de mulher é na cozinha. Aí, quando a mulher resolve ocupar esse lugar, literalmente na cozinha, ela não pertence àquele ambiente. A questão do calor, das horas, da pressão é bobagem. Vou te dar um exemplo muito simples: uma panela com trinta litros de caldo, um homem não pega sozinho. Assim como a gente. No mais, é a inteligência, a capacidade de gerenciar, de suportar pressão, cansaço, e um ambiente que é desafiador. E a mulher tem isso no sangue, a mulher dá à luz. Suportar dor? Poxa, suportar pressão? Isso é machista, é uma ignorância. (Profissional B, 2016) (Carvalho, 2017, p. 195)

Essa culinária doméstica é vista como inferior e atrelada ao feminino; quando se torna um trabalho culinário, com mais prestígio em carreiras concretas, a atividade se associa à figura masculina. Ainda que existem muitas mulheres nessa profissão, as posições de comando e destaque são ofertadas em sua maioria a homens.

Sarti (2012) analisa diversas publicações que remontam aos primeiros escritos culinários em que as mulheres são descritas como indignas de confiança para preparar a comida de reis e nobres, assim como portadoras de inteligência inferior e menos habilidades para este trabalho. Nos lares e cozinhas dos não nobres, entretanto, cozinhar e preparar comida eram tarefas indiscutivelmente femininas e obrigação das mulheres (Sarti *Apud* Briguglio, 2017, p.2).

Essa hierarquia e divisão nas atividades ligadas ao universo da alimentação que é percebida ao longo da história persiste até os dias de hoje, mas de forma mais flexível, atualmente existem inúmeras exceções à regra, com a luta diária de mulheres vemos hoje mais visibilidade e reconhecimento no seu trabalho, mesmo ainda tendo várias barreiras a se vencer, seus trabalhos vêm sendo mais prestigiados. Entretanto, esse cenário permanece restrito ao âmbito da alta cozinha, onde gênero atua articulado ao conceito de classe; ou seja, mulheres de elite e profissionalizadas conseguem, não sem esforço, mover as linhas de desigualdade que as afetam.

22 PULGA, Ana Luiza. Entrevista concedida aos pesquisadores. Guarapuava, 19 Jul.2022.

O mesmo não se pode dizer do âmbito doméstico. Lá, a cozinha, a alimentação, as mulheres ainda experimentam com muita frequência a deslegitimação e a inferiorização, processos que atravessam gerações e que são piores na medida em que clivagens como classe e raça fazem seu efeito. Daí a importância, por exemplo, da realização de entrevistas, como as realizadas pelo grupo PET, afinal, assim pode-se acessar essas experiências ordinárias, reveladoras de processos históricos.

Analisando todo o apresentado, é possível perceber que a discussão sobre História da Alimentação quando articulada a categoria gênero estão ligadas em um grau muito forte, durante o desenvolvimento dos trabalhos do grupo PET de História tal percepção se deu através das entrevistas com o grupo UNATI abordando as memórias gustativas, onde sempre era lembrado da mãe na cozinha e nunca o pai, e até mesmo pode-se destacar que a participação masculina se fez escassa durante essas mesmas entrevistas, demonstrando que a cozinha caseira é feita de mulheres, por mulheres e para mulheres.

REFERÊNCIAS

BRIGUGLIO, Bianca. Cozinha é lugar de mulher? Desigualdades de gênero e masculinidade em cozinhas profissionais. *Seminário Internacional Fazendo Gênero*, v. 11.

CARVALHO, Ana; SORLINO, Fabiola Beatriz. “*Lugar de mulher é na cozinha*”: confissões femininas sobre o universo gastronômico. CIAIQ 2017, v. 3, 2017.

CARVALHO, Luiz Gonzaga Assumpção et al. *Do fogão a lenha ao micro-ondas: uma incursão pela comensalidade de três gerações de famílias paulistanas*. Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade (Mestrado), Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2004.

DA MATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

GIARD, Luce. Artes de nutrir. IN: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A Invenção do Cotidiano: morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996.

IGGERS, George. Desafios do século XXI à historiografia. IN: *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*. V.3, N.4. 2010

UNIVERSIDADE Aberta à Terceira Idade - UNATI. In: *Universidade Estadual do Centro Oeste: Pró-reitoria de Extensão e Cultura*. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://www3.unicentro.br/proec/unati/>. Acesso em: 15 ago. 2022.

SCOTT, Joan. *Gender: a useful category of historical analyses*. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989.